



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Geração.

### AS PERCEPÇÕES DO ENVELHECER PARA O/A IDOSO/A: REPRESENTAÇÕES, SIGNIFICADOS E CONTRADIÇÕES

Jefferson Franco Rodrigues<sup>1</sup>  
Rafaela dos Reis Amaral Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a percepção dos/das idosos/as sobre o processo de envelhecimento. Observou-se que os idosos percebem o envelhecimento majoritariamente de forma positiva, embora alguns o façam por um viés mais negativo. No que se refere a ser idoso, os relatos dizem respeito a: experiência de vida; aprendizado, positividade, apesar de haver falas com manifestações negativas.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Velhice. Sujeito idoso/a.

**Abstract:** The article analyzes the perception of the elderly about the aging process. It was possible to realize that the elderly perceive the aging in a positive way, although not entirely. As far as being elder, the reports relate to life experience, learning, positivity, even though some of the speeches can point to negative situations.

**Keywords:** Aging. Old age. Old subject.

#### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa refere-se ao processo de investigação acerca da compreensão e percepção dos/as idosos/as sobre o processo de envelhecimento e sua visão sobre o que é ser idoso, ou seja, como ele se vê, de que maneira essa fase da vida tem se apresentado para essa parcela da população. Compreende-se que o envelhecimento humano é um processo natural que afeta todos os indivíduos, configurando-se numa realidade em crescimento pela qual as pessoas estão sujeitas em toda e qualquer sociedade. Em decorrência da abrangência desse fenômeno, torna-se fundamental trazer essa discussão para o cenário brasileiro, principalmente no que se refere à criação, ou aperfeiçoamento de políticas públicas destinadas ao atendimento dessa parcela da população, garantindo financiamento e qualificação dos profissionais que atuam nessa área.

Com a finalidade de alcançar os objetivos deste trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica, documental e de campo através de entrevista semiestruturada utilizando-a para o registro das respostas das questões subjetivas, com perguntas abertas e pré-elaboradas, com 10 idosos/as internados em um hospital de referência do Estado do Pará. Os participantes tiveram suas identidades mantidas em sigilo de acordo com a Resolução Nº

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pará. E-mail: jefferson.franco@hotmail.com.

<sup>2</sup> Profissional de Serviço Social, Centro de Referência da Assistência Social. E-mail: jefferson.franco@hotmail.com.

466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde e a pesquisa aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP). Desta forma, a proposição em estudar a temática supracitada, ocorreu a partir da inserção no ambiente de trabalho da Residência Multiprofissional em Saúde do Idoso em uma unidade hospitalar, propiciando o contato com a realidade vivenciada pelas pessoas idosas. Diante disso surgiu o interesse crescente na elaboração desta pesquisa que tem como motivação responder o seguinte questionamento: qual a percepção dos idosos sobre o processo de envelhecimento?

O contato inicial com os usuários idosos possibilitou uma observação preliminar acerca da percepção destes indivíduos do processo de envelhecimento, na busca pelo entendimento e aprofundamento dessa temática. Compreende-se que um estudo desse caráter ganha relevância no campo da assistência ao idoso, pois possibilitará reflexões acerca da percepção que os/as idosos/as tem sobre o seu processo de envelhecimento, condições de vida e trabalho. No âmbito acadêmico, constitui-se em uma fonte de dados referente aos estudos na área social, voltados para a especificidade ao envelhecimento, que abre caminhos para um olhar ampliado sobre a pessoa idosa, no intuito de promover a reflexão sobre esses usuários junto com os/as profissionais/estudantes.

Destaca-se que o Brasil, está entre os países que apresentam instrumentos legais de proteção à pessoa idosa, sendo um marco a Constituição Federal de 1988 (CF/88) e a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/1994), com a finalidade de atender e ampliar os direitos sociais dessa população. Na década de 1990 tem-se a criação de programas e projetos vinculados as diferentes políticas públicas (assistência social, saúde, previdência social, etc.). No entanto, apesar de estar em lei, não necessariamente se vê materializado na realidade social, principalmente pelo acesso de tais políticas que se apresenta de forma focalizada e seletiva, excluindo uma gama de cidadãos idosos que estariam fora do “perfil” para obter tal direito. De tal forma que se vem exigindo a organização de diferentes setores sociais na mobilização para que sejam efetivados e ampliados tais direitos.

Após a referida constituição é inserido um novo olhar sobre as políticas relacionadas ao processo de envelhecimento, culminando na elaboração de instrumentos normativos legais. Segundo a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2003) é considerado como idoso (a) a pessoa com 60 anos ou mais de idade. Entretanto nos últimos anos um crescimento considerável na faixa etária de 80 anos ou mais, propiciou alteração no estatuto, por meio da Lei nº 13.466, de 2017, que vem a ser “§ 2º Dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos”. Envelhecer é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, sendo o grande desafio, garantir que esse processo ocorra com dignidade.

O envelhecimento populacional, em não sendo uma demanda prioritária (apesar das conquistas legais) na agenda pública, está se materializando. É hoje vivenciado por uma parcela da população, passando por inúmeros problemas e em péssimas condições vida, acarretando, inclusive, problemas de saúde pública. Na sociedade contemporânea, discutir o processo de envelhecimento é fundamental, tendo em vista um a proporção elevada da população idosa em relação aos demais grupos etários. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a tendência de envelhecimento da população brasileira vem se acelerando. São hoje cerca de 21 milhões de pessoas idosas, quase 11% da população brasileira, traduzindo assim uma expectativa de vida que chega aos 73 anos e 8 meses, contra os 33 anos e 7 meses do início do século XX.

O processo acelerado do envelhecimento e suas múltiplas dimensões é uma temática que precisa ser problematizada em todos os espaços onde se discutem políticas públicas, tendo em vista que a cada ano este grupo etário aumenta consideravelmente, trazendo impactos nunca antes visto em vários setores da sociedade: previdência social, habitação, transporte, saúde etc. Faz-se necessário que as áreas de conhecimento centrem esforços no sentido de discutir e potencializar as reflexões sobre o envelhecimento, objetivando proporcionar melhores condições de vida para esta população.

## **2. VELHICE E ENVELHECIMENTO HUMANO:** análise teórica.

O processo de envelhecimento da população ganhou status de fenômeno e tem sido considerado como um marco na história global. Compreende-se que o envelhecimento traz repercussões no modo de vida, em diferentes dimensões: físicas, biológicas, psicológicas e sociais. Compreende-se que o envelhecimento consiste no processo de envelhecer, sendo inseparável da condição humana. Como destaca Erminda (1999, p. 43) é um "processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo", que apresenta três dimensões: a biológica, a cronológica e a social.

Para Costa (1998, p. 26 apud Silva, 2009, p.16) o envelhecimento é: processo evolutivo, um ato contínuo, ou seja, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte, de constante transformação. Como destacam Irigaray e Schneider (2008), delimitar o início da velhice é uma tarefa complexa por envolver fatores que acabam por impedir a sua generalização, pois cada cultura tem uma maneira particular de entender essa fase da vida. Um desses conceitos, preconizado pela Organização Mundial de Saúde é baseado pela perspectiva cronológica, em que a definição

de idoso se inicia aos 65 anos ou mais para os países desenvolvidos, e 60 anos para os países em desenvolvimento. Essa faixa etária independe do estado biológico, psicológico e social do idoso, a autora assinala ainda que o conceito de idade é multidimensional, não sendo uma medida do desenvolvimento humano. Assim, a idade e o processo de envelhecimento possuem significados que vão além das dimensões da idade cronológica. Vale pontuar que a idade funcional e fisiológica difere entre os indivíduos, e não poderia, portanto, ser padronizada.

A partir do século XIX, a velhice é tratada como uma etapa da vida relacionada à decadência, de ausência de papéis sociais. O envelhecimento ainda é tido como um processo progressivo, que acarreta alterações biológicas, funcionais, psicológicas, que com o passar do tempo determinam uma acentuada perda da capacidade. Conforme Dias et al (2004), os primeiros sinais do envelhecimento ocorrem com alterações físicas, tais como: cabelos brancos, rugas na pele, lentidão ao caminhar, diminuição da atividade física. Sobre a perspectiva biológica a velhice é caracterizada como desgaste natural das estruturas orgânicas. Contudo não se pode conceituar a velhice somente pelo olhar do biológico, faz-se necessário ancorar outros aspectos que levem em consideração as diferenças socioculturais em que os idosos estão inseridos, sendo vivenciado de forma diferente de um indivíduo para outro.

Com os avanços na área da saúde, tornou-se mais comum ver indivíduos chegando aos 60 anos com a possibilidade de viver ainda mais, com certa qualidade de vida. Para o IBGE (2010), o Brasil já apresenta um perfil de país idoso, pois, em menos de vinte anos boa parte da população será de pessoas idosas. A projeção para essa população segue em curva de crescimento acelerado. O aumento da expectativa de vida está atrelado a diversos fatores, como melhorias de condições de vida, socioeconômica, e principalmente aos avanços ocorridos no campo da saúde entre outros.

Os grupos sociais sob o viés das indústrias capitalistas são danosos à velhice, pois há certa desvalorização do idoso, uma vez que seu poder de produção no mercado diminui, negando ao ele seu papel na sociedade; essa ideia tem levado a sociedade a negar aos idosos o direito de decidir por si próprio. Logo, o olhar que se tem da velhice é um olhar estigmatizado, negativo. Por isso, é importante desnaturalizar a velhice e considerá-la como uma categoria da sociedade e conhecer a visão do idoso sobre envelhecimento, para reconstruir as representações sobre esta fase da vida.

Para Irigaray e Schneider (2008), o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, sendo as concepções de velhice resultados de construção social da sociedade. Há uma disparidade sobre o que é velhice, associando-a a perdas, declínio e

incapacidades, estereótipos criados pela própria sociedade que acabam refletindo na identidade que o idoso constrói para si.

Como destaca Paschoal (1999) é um equívoco considerar o envelhecimento apenas pelo critério cronológico, sem considerar as múltiplas dimensões desse processo, perspectiva essa que fragmenta o sujeito. O envelhecimento é condicionado pela classe social, raça, etnia, gênero e condições de vida e trabalho, não sendo uma responsabilidade individual ou familiar, mas coletiva.

Já a velhice é o estágio ou uma etapa da existência do indivíduo que apresenta uma idade avançada e que sofreu o processo de envelhecimento. De acordo com o estudo de Costa (1998, p. 26 apud Silva, 2009, p.16) a velhice vem a ser destacada como: “o estado de ser velho, o produto do envelhecimento, o resultado do processo de envelhecer”. É necessário destacar que a velhice é uma etapa da vida permeada por peculiaridades, podendo ser compreendida em aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, e que o envelhecimento ocorre de maneira diferente de um indivíduo para outro, de uma sociedade para outra.

As condições históricas, políticas, econômicas, culturais provocam diferentes representações sociais da velhice e também do idoso. Para Irigaray e Schneider (2008) há um aumento dos termos utilizados para se referir à velhice, tais como, terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso, velho, meia idade, maturidade, idade maior e idade madura, revelando que o envelhecimento vem sendo objeto de preocupação da sociedade.

Contudo, em uma sociedade capitalista que valoriza sujeitos sociais por sua força e produtividade, esta etapa vem ganhando significados negativos, vinculando-a a uma predestinação ao fim da vida. Para Debert (1996, p. 35) “[...] a representação da velhice como processo contínuo de perdas é responsável pela criação de estereótipos negativos em relação aos velhos, mas foi fundamental para a legitimação de alguns direitos sociais”. Para Mendes, Gusmão e Faro (2005) a velhice passou a ter um lugar marginalizado, já que o velho não teria valor social, estando impossibilitado de produzir e sobreviver pelo fruto do seu trabalho, dependendo dos cuidados de terceiros. Esta concepção perdura pelos séculos XIX e XX, embora ainda hoje haja uma visão negativa da velhice.

No Brasil, não existe a cultura da atenção a política para a pessoa idosa, não entrando as condições biológicas, psicológicas, sociais e culturais na agenda pública. A população brasileira encontra-se em condições precárias de vida com pouco ou nenhum acesso a informação quanto a sua real condição de saúde, educação, lazer, recursos materiais no âmbito familiar, baixos valores de salário, aposentadoria, etc.

Segundo Melo (2012), não há “uma cultura de se pensar na longevidade”, ou mesmo pensar a qualidade de vida de toda a sociedade, algo que seria fundamental para conseguir

uma “juventude saudável” em suas múltiplas dimensões, inclusive no prevenir “a maior propensão para o aparecimento de doenças crônicas na velhice. Assinala ainda que envelhecer não significa necessariamente viver doente ou dependente” Desta forma, o “estilo de vida” decorrente das péssimas condições de vida e trabalho da população com as altas jornadas de trabalho, má alimentação, tabagismo, sedentarismo e etc., são fatores que influenciam na saúde quando se chega a velhice. Assim, cabe ao Estado criar condições que favoreçam a qualidade de vida na velhice. Como destaca Paiva (2014) um dos fatores que contribuem para a negação da velhice é “o preconceito”, a “gerontofobia” e a “estigmatização da velhice”.

Carmarano e Pasinato (2004) pontuam que as políticas sociais não tem dado respostas concretas à questão do envelhecimento da população, em decorrência da conjuntura política, econômica e social no país. A política neoliberal em curso no país vem promovendo ataques aos direitos sociais e a classe que vive do trabalho, na política de seguridade social há o processo de fragmentação das necessidades e dos interesses mediatos e imediatos da população.

Tem-se a disputa de projetos privados e público no âmbito da seguridade social, destacando Faleiros (2008) que a prioridade do Estado nesse contexto, “passou a ser o pagamento dos juros da dívida pública, para garantir confiabilidade aos investidores internacionais nesse processo de mundialização do capital, também chamada globalização econômica”. Desta forma, se faz necessário ultrapassar os direitos e proteção social incompletos, considerando os ganhos com a implementação em leis e normas jurídicas, no entanto a sua efetivação é movimento histórico-contraditório e processual, pois depende da mobilização e da organização dos atores sociais e dos gestores comprometidos com a luta da classe que vive do trabalho, em especial dos direitos dos idosos.

É um desafio posto na sociedade no que se refere a proteção social ao idoso, é preciso que esses direitos não estejam apenas declarados em lei, mas se materializem na realidade social, apresentando condições de vida digna, com participação na sociedade, liberdade, igualdade, justiça. Portanto, tem-se um desafio posto na política de saúde e a atenção ao idoso, resultado da conjuntura política, econômica e social vem afetando o financiamento e a expansão da saúde, a sua integralidade e universalização, bem como o acesso a população, em especial aos idosos.

### **3. A PERSPECTIVA DOS/AS IDOSOS/AS ACERCA DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE**

No primeiro momento foi realizado o perfil dos sujeitos da pesquisa com o objetivo de compreender à faixa etária, sexo, município de origem, estado civil, escolaridade, profissão, renda familiar, números de filhos, tempo de internação, composição familiar, religião, local de moradia.

A respeito do município de origem, a pesquisa salienta que seis são oriundos de Belém, um de Ananindeua, um de Barcarena, um de Vigia e um de Cametá. No que se refere à faixa etária, a pesquisa revelou que cinco dos entrevistados têm entre 60 e 65 anos de idade, dois têm entre 66 e 70 anos, três têm 71 anos ou mais. No que diz respeito ao sexo, dos entrevistados seis são do sexo femininos e quatro do masculino. O grau de escolaridade, identificam que, quatro possuem o ensino fundamental incompleto, três são alfabetizados, três possuem ensino médio completo. Desse modo, evidencia-se que há um percentual bastante expressivo de idosos com baixo grau de escolaridade.

Sobre o estado civil, observa-se que três são solteiros, sendo uma mulher; três são casados, dos quais um é homem; um homem com união estável, três viúvas. Em relação à família, a pesquisa mostra que, cinco idosos têm de um a três filhos, quatro têm de quatro a seis filhos, um deles tendo de sete a dez filhos. O estudo também identificou ainda que, a maioria (oito deles) mora com familiares, enquanto que outros dois reside sozinha. Sete dos entrevistados são católicos, e os demais evangélicos. A situação ocupacional dos idosos é a seguinte: quatro são beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC), desempenhando atividades de costuras e o fazer doméstico; seguida de dois deles que possuem aposentadorias rurais, um motorista e um pedreiro; os demais ainda desenvolvem atividades laborais, sendo um mecânico (sem vínculos previdenciários) e um policial.

A variável renda familiar evidenciou que todos possuem algum tipo de proventos, sendo majoritariamente, no valor de um salário mínimo, apenas um deles ganhando até quatro salários mínimos. Através dessa constatação pode-se afirmar que há uma predominância entre os idosos de baixa renda, tendo um maior número de beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e aposentados. Essas informações são similares o estudo de Lima e Murai (2005), caracterizando a população idosa no Brasil pelo seu baixo poder aquisitivo.

O estudo também aborda o tempo de internação dos idosos, dos quais, seis ficaram internados pelo período de um a 39 dias, enquanto que quatro permaneceram de 40 a 130 dias, vale ressaltar que três ainda se encontram internados, um deles aguardando vaga em abrigo. Segundo Pagoto, Silveira e Velasco (2012) na maioria das internações, os idosos tendem a passar por longos períodos hospitalizados, em virtude de algum agravamento no seu quadro clínico. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009) mostra que a partir de 60 anos, os coeficientes de internação começam a aumentar de 9,9% para

18,2% dos idosos com 80 anos ou mais. De acordo com Veras (p.18, 2003) o tempo médio de permanência hospitalar foi de 7,6 dias para o grupo de 60 anos ou mais e de 5,8 dias nos demais.

A partir do perfil, objetivou-se compreender a percepção dos idosos sobre o processo de envelhecimento. Seis dos idosos entrevistados referem-se ao envelhecimento como uma experiência de vida, algo natural, auge da vida, uma coisa boa da vida do ser humano. Esses dados são especificados nas seguintes falas:

Assim, eu acho que a velhice é uma experiência de vida, né... porque a gente vai a colhendo de anos e anos, a gente tem aquela experiência de vida. (Entrevistada 1.)

O envelhecimento pra mim é o auge da idade, com aprendizado e o ser humano... o envelhecimento, não só envelhecer a matéria, as células, como envelhece também os seus conhecimentos, o seu espírito, seu caráter... enfim, envelhecimento pra mim é o auge de uma vida. (Entrevistado 3).

O envelhecimento, eu acho que é uma coisa boa da vida, do ser humano, né... é muito importante porque a lei da vida, o envelhecimento é uma estrutura de qualquer maneira pro ser humano, porque a gente vai envelhecendo, a gente vai pegando mais estabilidades, seja assim em qualquer lugar que você tiver, se mudar a sua concepção da sua cabeça. (Entrevistado 4).

A percepção do processo de envelhecimento para a maioria dos idosos entrevistados, destaca uma imagem positiva, cada qual com suas particularidades. Entende-se que ocorre de maneira diferente entre os indivíduos, não é um processo homogêneo, é necessário levar em consideração aspectos importantes, como cultura, fatores econômicos, que intervêm diretamente no cotidiano deste público. Segundo Guerra e Caldas (2010, p. 2) "os aspectos culturais interferem na maneira de olhar o envelhecimento e, conseqüentemente, na maneira como a pessoa idosa vai se constituir nesse meio".

No entanto, três dos idosos entrevistados associaram a velhice a perda de forças, doença e esquecimento, como relatam a seguir:

Envelhecimento... é a gente que quando... a cada dia que passa de idade... a gente vai terminando com as forças de fazer tudo aquilo que a gente fazia, já vai fazer menos coisas... por exemplo, a minha casa lá era de altos e baixos... as meninas arrumam. (Entrevistada 7)

(...) só a saúde que a gente não tem quase né, é isso que... que é ruim, é mais ruim do envelhecimento, que a gente não tem mais a saúde, o resto tem tudo graças a Deus, tô com a familiar, marido, filho, tudo um perto do outro. (Entrevistada 8).

Eu acho que assim... o envelhecimento, é quando tu tem uma vida prolongada, vive um certo tempo, vai perdendo a noção das coisas, vai ficando com tudo limitado, não tem as mesmas disposições, já não reage da mesma maneira que era antes. (Entrevistada 9)

E que a pessoa já fica, já mais baqueada né, já tá quase esquecendo as coisas, né... aí, eu acho que isso é o envelhecimento, esquecimento, tudo do idoso, como eu tô fazendo, não vou mais comer aquelas comida que eu comia, agora é só na base da dieta. (Entrevistada 10)

Desta maneira, a imagem do envelhecimento para esses entrevistados é vista de forma negativa, representando, incapacidade, doenças, perda de forças, algo ruim, que pode ser caracterizado como limitações. Para Jardim, Medeiros e Brito (2006) “quando a velhice vem associada a doença, os idosos tendem a representar imagens bem negativas, mas, isso vai depender do contexto sociocultural em que estão inseridos, visto que a velhice e o envelhecimento são processos social e culturalmente construídos”. (JARDIM, MEDEIROS e BRITO, 2006, p. 30). Segundo esses autores, os primeiros sinais do envelhecimento, ocorrem com alterações físicas, tais como: cabelos brancos, rugas na pele, lentidão ao caminhar, diminuição da atividade física. No entanto, tendem a ser acelerados, ou retardados, a depender do estilo de vida de cada pessoa. Em consequência, vale considerar que as doenças existem em todas as faixas etárias, não necessariamente se manifestando só na velhice.

O envelhecer é uma experiência ambígua, dotada de múltiplos significados que podem revelar aspectos positivos ou focar aspectos negativos, gerando reações de negação ou de aceitação desse processo. Também é necessário considerar o ambiente na qual estavam inseridos, que vem a ser a hospitalização, ambiente que talvez tenha proporcionado destaque na relação com doenças. Outro aspecto identificado na fala dos idosos é o desconhecimento sobre o processo de envelhecimento, “Por enquanto nada né, tô escutando isso agora né, não entendo nada né”. (Entrevistado 5).

Neste ponto de análise buscou-se saber qual a visão dos idosos sobre o que é ser idoso, ou seja, como ele se vê, de que maneira essa fase da vida tem se apresentado para essa parcela da população. Inicialmente, seis dos idosos relatam ser idoso como: experiência de vida; aprendizado, etc.:

Acho assim, que a pessoa tem mais experiências, é mais adulta, tem consciência de que muitos, né, porque tem muitos que chegam a uma certa idade, não aderem as coisas direita (...) Então ser idoso significa experiência entendeu, eu saio, dia de domingo, vou passar o dia na casa de alguém. (Entrevistada 1).

Ser idoso, é esse auge que chegou..., porém, pode se prolongar por vários anos, né?! Então idoso pra mim é a compreensão da vida, é você saber que idoso já viveu, mas, também, ele é um aprendizado e que com o tempo esse idoso ele venha agradecer o fator de ser idoso de ter uma idade já, de 60, 70, 80 anos e envelhecer com dignidade, caráter, nas sua religiosidade, nos seus pensamentos, nas suas ideologias tá e no seu familiar. (Entrevistado 3)

A pessoa quando vai ficando novo vai ficando velho né, vai ficando idoso, né... aí, voltar a idade não pode, só é aumentar né... Já tô com 69 daqui a pouco vem 70 para o ano aí vai, é uma coisa que vai envelhecendo. (Entrevistado 5)

Idoso pra mim... por enquanto eu acho que, que não é muito ruim não, só que acha ruim quem já está se acabando né, mas, quem não está se acabando não é ruim né, eu não acho ruim, pra mim é bom. (Entrevistada 6)

Eu vejo assim que uma pessoa de 68 anos já é mais pra tá assim... indo em algumas reuniões da religião dela, dando uma caminhadinha, não muito assim, para

andar de distância em distância, né... mais uma caminhada faz bem. (Entrevistada 7).

Pra mim se tiver uma vida normal, uma vida saudável, normal, por que eu acho que envelhecimento da cabeça de cada um, aí se tiver uma vida saudável né, na minha concepção. (Entrevistada 9)

Ser idoso na atualidade tem vários significados diferenciados, conforme constata-se nas expressões utilizadas pelos entrevistados que pontuaram como uma vida normal, como uma coisa boa, e ainda associando à dignidade. Camarano e Parsinato (2004, p.5) revelam que o conceito de idoso envolve mais do que a simples determinação de idades-limite biológicas e apresenta, pelo menos, três limitações. A primeira diz respeito à heterogeneidade entre indivíduos no espaço, entre grupos sociais, raça/cor e no tempo. A segunda é associada à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais e a terceira à finalidade social do conceito de idoso.

Os/As entrevistados/as ressaltam a importância de envelhecer com consciência, sabedoria, de estar próximo da família. As respostas revelam que há uma preocupação com o meio social em que os idosos estão inseridos, meio esse, em que nem todos de acesso as políticas públicas, encontram-se desamparados pelo governo, estando nas ruas ou melhor, “jogado na rua”.

Ser idoso, ser idoso é... é uma fase que todos nós vamos passar, né?! Então, a gente tem que procurar a melhor maneira de ir se adequando, né... se adequando a ter essa consciência... de ser idoso, né, e quando você envelhece bem com conhecimento, você tem uma paz, tem os amigos por perto, família perto, isso é envelhecer com sabedoria. (Entrevistado 2)

Ah, idoso é uma coisa muito ótimo, idoso é você com sua idade já, bem dizer concluída né, não é o total ainda né, não é o limite, mas, idoso é muito bom por que eu já, eu já conheci várias idosos, as vezes o tratamento agente pode observar do lado é diferente, muitos idosos jogados pela rua, idosos precisando de ajuda e ninguém consegue ajudar, né... hoje em dia graças a Deus já tem esse programa do governo de amparo ao idoso, né... dá muita estabilidade, aí é uma coisa ótima pra pessoa que é idoso, quer dizer que fica com seus direitos. (Entrevistado 4)

Também foi possível observar falas de manifestações negativas a respeito do que é ser idoso, utilizando expressões como “usada”, “baqueada”, o termo “velho” também foi referenciado, porém, em sentido pejorativo de decadência, como de inutilidade, conforme as falas seguintes: “Olha pra mim ser idoso é.... uma pessoa velha, usada, eu entendo isso, né” (Entrevistada 8); “Idoso é uma pessoa que já... tá, tá baqueada, tá velha, né... é isso pra mim que é idoso”. (Entrevistada 10). Essas expressões permitem inferir acerca de como esses idosos se veem como pessoa, em uma sociedade capitalista, onde o útil é aquele que produz e quem está fora do mercado é deixado à margem, como improdutivo. Como pontua Benetido (2017, p. 229) ressalta que “na sociedade burguesa, ser jovem significa ser útil, prestável; ao contrário, ser velho significa ser inútil, imprestável, muito usado, usadíssimo, gasto pelo tempo, em desuso”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do estudo, observou-se que o envelhecimento e a velhice fazem parte do processo de desenvolvimento da vida humana. Assim, ao analisar os sujeitos da pesquisa identificou-se que, o perfil delineado dos/das idosos/as foi de que a idade média do estudo gira em torno de 66,7 anos, sendo em sua maioria mulheres, oriundos de Belém e dos municípios do interior do Estado. O estado civil dos indivíduos circula nas modalidades de casados, solteiros, viúvas e regime de união estável, com baixo grau de escolaridade, em sua maioria beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e aposentados, os proventos em média são de um salário mínimo. Em relação ao número de filhos, a média é de 3,5 filhos, a maioria mora com familiares, formados por católicos e evangélicos, o tempo de internação variou entre 33,5 dias.

Notou-se que quase a totalidade dos idosos percebe o envelhecimento de forma positiva, como experiência de vida, algo natural e apenas três associaram o envelhecimento a perdas de forças, doenças. Observa-se que algumas falas apresentam ambiguidade na percepção, tendendo a serem influenciadas pelo ambiente que estão vivenciando que é o processo de internação. Quando questionados acerca da visão dos idosos sobre o que é ser idoso, a grande maioria refere-se a uma coisa boa, relacionada ao aprendizado, verificou-se também, falas de preocupação com o meio social, de proximidade com a família. No entanto, também foi possível observar nos entrevistados falas negativas sobre ser idoso, tais como, a utilização de conceitos como “usada”, baqueada” para referir-se à velhice.

Almeja-se que este estudo de caráter qualitativo se constitua em uma fonte de dados para o campo da assistência à saúde do idoso no sentido de possibilitar a ampliação do trabalho nessa área contribuindo na identificação do perfil do idoso hospitalizado, e na percepção acerca do processo de envelhecimento, bem como nos sentimentos atribuídos aos indivíduos assistidos nas instituições hospitalares. Dessa maneira, visa-se ampliar a participação dos atores sociais envolvidos no processo de atendimento a esses idosos para que as estratégias a serem adotadas atuem com maior consistência e direcionadas para as reais necessidades dos indivíduos, identificadas a partir da metodologia aqui utilizada. Outra abordagem acerca deste estudo refere-se ao âmbito acadêmico, constituindo-se em um material necessário aos estudos na área da assistência que se preocupa com o atendimento a pessoa idosa pela pouca visibilidade da aos referenciais teóricos sobre a saúde do idoso, dado o crescimento dessa parcela da população na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BENEDITO, Jonorete de Carvalho. Melhor Idade para Quem? As novas terminologias para designação da velhice. In: TEIXEIRA, Solange Maria (Org). **Envelhecimento na Sociabilidade do Capital**. 2017
- CAMARANO, A. A; PASINATO, M. T. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** - Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 1 - 22.
- DEBERT, G. G. As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: **Anais do 1º Encontro Internacional sobre envelhecimento populacional**. Brasília: MPAS/SAS, 1996, p. 35 – 45.
- DIAS, Denise Gamio; DUARTE, Veridiana Bohns; SANTANA, Maria da Glória; SOARES, Marilú Corrêa; THOFEM, Maíra Buss. **A perspectiva do envelhecer para o ser idoso e sua família**. 2004.
- ERMINDA, J.G. Os idosos: Problemas e realidades. 1ª Ed. Editora Formasau, 1999.
- FALEIROS, V. P. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **Ser Social**, Brasília, v. 20, n.1, 2008, p. 35 – 61.
- GUERRA, A. C. L; CALDAS, C. P. Dificuldades e Recompensas no Processo de Envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n.p, pp. 2931-2940, 2010.
- IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. 2008.
- JARDIM, V.C. F. S; MEDEIROS, B.F; BRITO, A. M. Um Olhar sobre o Processo de Envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. Ver. Bras. **Geriatr. Gerontol**. Rio de Janeiro, v. 9, n 2, 2006.
- MELO, N. S. de. **Trabalho e Condições de Envelhecimento em Manaus**: estudo com os idosos usuários das unidades básicas de saúde da zona sul e com os participantes do Parque Municipal do Idoso. 107 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- MENDES, Márcia R. S. S. B.; GUSMAO, J. L. de; FARO, A. C. M. et al. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul enfermagem**. [online], São Paulo, 2005, vol.18, n.4, p.422-426.
- PAGOTO, Valéria; SILVEIRA, Erika Aparecida; VELASCO, Wisley Donizetti. **Perfil das Hospitalizações em idosos usuários do SUS**. 2012
- PAIVA, S. O. C. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2014.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.) **Gerontologia: a velhice e envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1999, p. 26 – 43.

SILVA, Vanessa. **Velhice e Envelhecimento**: Qualidade de vida para os idosos inseridos nos projetos do SESC-Estreito. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, UFSC. Florianópolis: 2009